

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 9 DE OUTUBRO DE 1996

*Senhor Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Eugênio Sales, meu amigo; Senhor Ministro de Estado de Minas e Energia, Raimundo Brito; Senhor Governador Garibaldi Alves; Senhores Deputados; Senhores Senadores Geraldo Mello e Fernando Bezerra, que, ademais, é Presidente da Confederação Nacional da Indústria; José Agripino Maia, meu amigo, ex-Governador; Senhores Parlamentares aqui presentes; Senhor Presidente da CUT, Vicente Paulo da Silva; Francisco Urbano, da Contag, e Canindé Pegado, da CGT – que força enorme! Senhora Virma, que é nossa heroína; Senhoras e Senhores;*

Em primeiro lugar, quero manifestar a minha surpresa. Quando entrei aqui, eu disse: “Meu Deus, está aqui a República toda, tudo o que há de mais importante da República, no plano social, no plano político, no plano empresarial.” Eu não sabia que o Rio Grande do Norte tinha tanta força assim e fiquei contente de ver. Sabia que já tinha as bênçãos divinas, porque já tinha estado lá com Dom Heitor, além de Dom Eugênio, e sabia da enorme presença dos rio-grandenses-do-norte na nossa igreja.

Mas, hoje, fiquei realmente feliz de ver esta presença tão maciça de um estado como o Rio Grande do Norte. E mais feliz ainda por perceber que uma conversa que tivemos há pouco tempo – o Governador, o Ministro de Minas e Energia e o Senhor José de Alencar, aqui na sala ao lado – já resultou num protocolo. E, como o protocolo é firmado pelo Joel Rennó, vai ser cumprido.

Já tenho essa experiência. No início, eu tinha medo: “Meu Deus, estamos aqui prometendo...” Hoje, não tenho nenhum medo. O que está sendo assinado aqui vai ser feito, o que me deixa muito contente pelo Rio Grande do Norte e, como foi mencionado pelo próprio Governador, pelo Nordeste do Brasil.

Aqui está o Ministro Catão, que sabe do meu empenho, reiterado, na questão do Nordeste, à qual temos que, realmente, dar um grande impulso. Está aqui o Dr. Vasconcelos da Rocha, que é Presidente da Federação das Indústrias, juntamente com o Presidente da CNI, com líderes empresariais, com líderes sindicais, ao redor de uma idéia, que é natural: o Rio Grande do Norte produz petróleo, produz gás. É preciso transformar essa produção em algo benéfico para o seu povo e para aquela região. E é o que vai ser feito.

Nós temos o compromisso firme – eu ouvi o Dr. José de Alencar – de que, uma vez transformado esse gás em energia, essa energia vai gerar empregos através de indústrias, que vão gerar o crescimento e melhorar o bem-estar da região.

É disso que se trata. Trata-se de criar um pólo capaz de transformar a energia natural em energia industrializada, que vai permitir, portanto, a multiplicação dos postos de trabalho no Rio Grande do Norte, que é o de que mais o Brasil precisa.

Eu queria aproveitar esta oportunidade, vendo tanta gente, para dizer que realmente me deixa contente verificar que o Estado mobilizou os seus filhos e que os seus filhos têm essa projeção nacional – não digo nenhuma inverdade aqui. É, realmente, formidável. O Nordeste já passou para uma nova etapa, que o Governador mostrou aqui, já passou da etapa de simplesmente reclamar e chorar para a etapa de construir.

Tenho um amigo, nos Estados Unidos – alguns, aqui, devem conhecê-lo de nome, pelo menos –, que se chama Albert Hirschman. É um dos maiores economistas da atualidade. Sempre foi muito amigo meu, há trinta anos ou mais. Ele tem alguns ensaios, que são admiráveis, sobre o processo do desenvolvimento. Num deles, sobre a América Latina, precisamente, chamava a atenção para os obstáculos que impedem de ver o desenvolvimento, porque só se falava dos obstáculos ao desenvolvimento, mas há obstáculos que impedem de ver o desenvolvimento.

Nós, no Brasil, estamos numa fase em que temos que afastar os obstáculos que nos impedem de ver que já há desenvolvimento e que esse desenvolvimento está se acelerando, e muito, e vai se acelerar mais ainda – o que não é suficiente, se não houver, também, a análise das conseqüências do desenvolvimento sobre a sociedade, sobre o povo, sobre o bem-estar do povo.

Desenvolvimento nós já temos e vamos ter mais. Nós temos que estar preocupados no sentido de que esse desenvolvimento beneficie a todos. Não nos iludamos: o caminho do crescimento econômico do Brasil está traçado, está em marcha, só cego não vê – eu já disse isso mais de uma vez.

Recebi recentemente da *Gazeta Mercantil* uma compilação de projeções de investimento até o ano 2000 ou 2002: 220 bilhões de reais. Essas projeções vão se materializar, estão se materializando. Então, quem fica na choradeira de que o Brasil não vai para a frente, que esse é um modelo que não leva ao desenvolvimento e está desindustrializando o Brasil não está entendendo o que está acontecendo no mundo, nem no Brasil. Perdeu o bonde da História.

Está plantado um modelo de desenvolvimento crescente para este país, um desenvolvimento que está sendo feito com cuidado, para ser sustentável quanto à natureza, para evitar problemas de danos à natureza; e sustentável quanto à sua continuidade. Está já em marcha esse processo. Isso é irreversível, não porque eu queira, mas porque as forças se organizaram para que haja esse crescimento.

Nós temos que correr para produzir mais energia, e o estamos fazendo. A Petrobras está nesse processo; a Eletrobrás está nesse processo. Toda essa transformação na infra-estrutura viária, de portos e tudo o mais é porque nós precisamos, como Estado, garantir as condições para que esse desenvolvimento se acelere. A nossa preocupação crescente é com o outro lado agora: quais são as conseqüências desse desenvolvimento, quem vai se beneficiar com esse desenvolvimento, como é que vamos ampliar a participação da população nos frutos do progresso técnico, que já está lançado.

Esse é o nosso desafio daqui para a frente. Não é dizer que não temos que pensar na inflação: vamos sempre pensar na inflação, vamos sempre pensar no equilíbrio das contas, vamos sempre ter conversas com os governadores a respeito das contas, que são sempre as mais desagradáveis para todos nós, mas são necessárias.

Agora, a nossa preocupação há de ser também com “e o resto?”. Bom, aí, olho para o Aluizio Alves. Água. O Nordeste continua precisando de água. Nunca vou me esquecer. Falei disso a Dom Eugênio, recentemente, em Pataxó, aonde eu fui. Monsenhor Expedito, que me mandou uma carta lindíssima a respeito de água, disse: pode ter indústria, mas a indústria não vai resolver a questão do sertão, que precisa de água. Alguma vez, nós vamos ter que resolver as pendências para fazer aquela travessia necessária das águas, para que possamos, efetivamente, atender à população mais pobre da região do Nordeste.

Educação – nisso estamos avançando. O Ministro Paulo Renato, dia 15, vai estar lá pelo Nordeste. O que o Congresso aprovou foi um passo essencial, que é a questão da valorização do professor, e nós vamos ter que tomar medidas fiscais – e é preciso que o Congresso nos ajude nisso também – para permitir que, efetivamente, o Fundo de Valorização do Professor chegue lá. Já estamos com a lei, e queremos estar, no orçamento do ano que vem, dando um aumento considerável na média de dispêndio na educação, sobretudo pagando um salário mais adequado à professora primária. O Governo Federal vai ter que equalizar as despesas, e quem vai se beneficiar com isso é, basicamente, o Nordeste e o Norte.

Saúde. Agentes comunitários de saúde. É fundamental. O problema não é só ter hospital nas grandes cidades: é ter educação sanitária, educação para o cuidado do bebê e da primeira infância, e isso se faz com agente comunitário de saúde. Isso está acontecendo no Rio Grande do Norte também. Estive reunido com o Governador e com os agentes comunitários de saúde, lá, em Natal. Fazer aquilo é muito difícil: uma estrutura estatal que foi criada para servir aos ricos começa a servir aos mais pobres! O Banco do Nordeste está fazendo isso.

Eu fui lá com o Governador Garibaldi, parece-me que foi no litoral do Rio Grande do Norte – para ver o quê? Para ver uma cooperativa de pescadores que teve apoio do Banco do Nordeste e se constituiu ali numa unidade produtiva que colocou uma pequena unidade para conservação do peixe. Com isso, eles podem vender peixe com melhor preço; depois, já compraram uma camionete para levá-lo até Natal, e, assim, as coisas avançam. Quando se compara o esforço feito pelo Banco do Nordeste, observa-se que ele foi o que mais conseguiu avançar na direção de atender ao pobre e ao pequeno não necessariamente pobre.

Estamos numa luta tenaz com a Caixa Econômica, porque tem dinheiro. Ainda ontem ou anteontem, vi o Presidente Cutolo na televisão, e alguém dizia: “Falta recurso.” Não, não falta, tem dinheiro. Nós estamos chegando a um ponto bom no Brasil, em que o problema não é só escassez absoluta de recursos, mas é como utilizar melhor o recurso e como fazer para esse recurso chegar lá em baixo. Está aí o Pronaf, em que há recurso. A dificuldade que tenho não é da minha vontade política – o que me irrita é falarem disso –, vontade eu tenho, mas é a dos outros, que têm que ter também. É preciso fazer com que o recurso chegue lá. Não adianta dar ordem aqui e ficar o dinheiro no Banco do Brasil, ou em que banco seja, se não há as estruturas de capilaridade para que chegue lá embaixo o recurso. Isso só se faz se todos estivermos cooperando.

Não adianta só reclamar; todos têm que cooperar. Mas está começando a haver isso na Caixa Econômica, está começando até no BNDES, que sempre operou para – e era natural que fosse – atender aos

grandes capitais. Ele começa a ter uma linha de crédito para atender à pequena e média empresa, e vai haver uma outra para atender ao crédito popular. Ainda ontem, o Ministro Kandir me dizia que o BID deu um recurso pequeno – 30 milhões de dólares – para treinar as organizações não-governamentais na maneira como elas devem agir para poderem usar e emprestar o dinheiro do Governo para o povo. Isso é um processo, não é uma questão de decisão burocrática; é um processo, é uma luta contínua da sociedade.

Pois bem, é nesse processo que estamos envolvidos. Nada disso vai existir se não formos capazes de criar muita riqueza. E usar o gás é criar riqueza. O Ministro de Minas e Energia, Raimundo Brito, tem sido excepcional, entendeu esse procedimento. Estamos fazendo o que é possível. Nós temos que criar riqueza e, ao mesmo tempo, reestruturar o Estado e a própria sociedade para que essa riqueza não fique concentrada.

Esse é o nosso desafio –, desafio que só vamos ser capazes de atender se nos unirmos, como estamos, hoje, aqui. Isso não vai eliminar as diferenças de visão do mundo, de interesses políticos, até pessoais, mas há questões que são nacionais e são populares; aí, temos que estar juntos.

Esta reunião me deixou muito contente porque, quando cheguei aqui, vi que estavam todos juntos, quer dizer, o Rio Grande do Norte todo unido, com as bênçãos do Cardeal do Rio de Janeiro, que já foi lá, ao Rio Grande do Norte, teve uma ação extraordinária na base e sabe também que temos que estar juntos para que as coisas possam caminhar. E vão caminhar, com muita tranquilidade.

Acho que estamos vivendo um momento de serenidade no Brasil, um momento em que podemos, realmente, divisar esse futuro mais proveitoso para o povo do Brasil. Com essa decisão política de, nas coisas importantes, nos unirmos e com a disposição de ajudar que têm o Governo, as empresas estatais, os Governadores, enfim, a sociedade política organizada, o Congresso, não tenho dúvida nenhuma de que o Rio Grande do Norte – que é mesmo, disse o Governador, um pedacinho do Nordeste, e isto aqui é fundamental para o Nor-

deste, não só para o Rio Grande do Norte –, o Nordeste vai deixar de ser área problema. Já não é mais. Pelos últimos dados que vi, o Nordeste está crescendo mais depressa do que o resto do Brasil. Sabem no quê? Na indústria. Sabem onde? No Mercosul. Está crescendo a uma velocidade maior do que o resto do Brasil com o Mercosul, vendendo mais para o Mercosul. Então, vamos ter confiança em nós próprios e, portanto, confiança no Nordeste.

Termino dizendo o que, desde que assumi – o Governador repetiu esta frase aqui –, eu tenho dito: não somos mais subdesenvolvidos. O problema é de justiça, é de equilibrar mais esse desenvolvimento e continuar na senda do desenvolvimento. Essa é a nossa questão-chave. Eu também dizia, e foi na Sudene: o Nordeste já não é mais problema. O Nordeste tem que confiar nele próprio, tem que deixar de ver só obstáculos para ver que – na visão da gente, muitas vezes há obstáculos – as coisas estão melhorando.

Parabéns ao Rio Grande do Norte, que saiu na frente nesse setor para melhorar mais ainda.

Muito obrigado.

